

**COM A PALAVRA, OS LEITORES: A RECEPÇÃO
DOS LEITORES/FÃS FICTÍCIOS DE “CLUBE DA LUTA 2”
E DOS LEITORES EMPÍRICOS SOBRE ESSA OBRA**

Diane Nascimento de Oliveira (UNEB e FAPESB)

dianen18oliveira@hotmail.com

Thiago Martins Prado (UNEB)

minotico@yahoo.com.br

RESUMO

“Clube da luta 2”, escrito por Chuck Palahniuk e ilustrado por Cameron Stewart, é a continuação do romance “Clube da luta” e transpõe a linguagem do romance para a linguagem do gênero textual história em quadrinhos. A narrativa do volume 2 retrata, entre outras coisas, a inserção, por meio de vários recursos metalinguísticos, tanto de Palahniuk, como autor-personagem, quanto de seus leitores/fãs na história. A partir disso, este artigo se propõe a investigarem que medida as projeções realizadas sobre esses leitores/fãs fictícios corresponderiam às reações dos leitores empíricos. Essas discussões são embasadas pelos estudos de Eco (1994), no que tange à teoria do Leitor-Modelo e do Leitor Empírico; Iser (1979) quando aborda sobre a interação do leitor com o texto; e Jauss (1994) no que diz respeito à teorização do horizonte de expectativas dos leitores. As conclusões apontam que algumas projeções que Palahniuk fez quando inseriu os leitores/fãs fictícios em sua obra comprovaram-se nos leitores empíricos da plataforma SKOOB, além disso, pode-se interpretar que a mudança na linguagem e no gênero textual também teve efeito na recepção da narrativa.

Palavras-chave:

Leitor-Modelo. Leitor Empírico. Horizonte de expectativas.

ABSTRACT

“Clube da luta 2”, written by Chuck Palahniuk and illustrated by Cameron Stewart, is the continuation of the “Clube da luta” novel and transposes the language of the novel into the language of the comic book textual genre. The narrative of volume 2 portrays, among other things, the insertion, through various metalinguistic resources, both of Palahniuk, as author-character, and of his readers/fans in the story. From this, this article aims to investigate to what extent the projections made on these readers/fictitious fans would correspond to the reactions of empirical readers. These discussions are based on the studies of Eco (1994), regarding the theory of the Model Reader and the Empirical Reader; Iser (1979) when he approaches the reader's interaction with the text; and Jauss (1994) with regard to the theorization of the horizon of readers' expectations. The conclusions point out that some projections that Palahniuk made when he inserted the fictitious readers/fans in his work proved themselves in the empirical readers of the SKOOB platform, in addition, it can be interpreted that the change in language and textual genre also had an effect on the reception of the narrative.

Keywords:

Reader-Model. Empirical Reader. Horizon of Expectations.

1. Introdução

Escrito por Chuck Palahniuk e ilustrado por Cameron Stewart, “Clube da luta 2” (2016) foi publicado em 2015 e é uma sequência, em quadrinhos, do romance “Clube da luta”, do mesmo autor. O volume 2 comemora vinte anos da publicação do romance, que ocorreria em 2016.

A narrativa de “Clube da luta 2” (2016) acontece dez anos após o desfecho de “Clube da luta” e trata sobre o retorno de Tyler Durden, bem como dos novos projetos envolvendo o clube da luta – grupo auto-organizado que se reúne para lutar por esporte, ao passo que critica os valores morais consagrados e o consumismo desenfreado –; além disso, traz os novos dilemas de Sebastian, narrador-personagem do volume 1, que agora tem identificação nominal, constituiu uma família com Marla, com a qual tem um filho.

Nessa sequência da obra mais conhecida de Palahniuk, persistem temas recorrentes nos trabalhos do autor, contudo há igualmente muitas mudanças em relação ao romance. Além das modificações tanto nos objetivos quanto nos métodos empregados pelo clube da luta, saltam aos olhos também a alteração da mídia em que a narrativa é transmitida (o volume 2 é em quadrinhos e não em romance) e o uso de recursos metalinguísticos que inserem na narrativa tanto o autor e sua equipe, que aparecem como personagens e vão escrevendo o enredo paralelamente ao desenrolar da trama, bem como seus leitores/fãs.

Esses leitores/fãs fictícios se mobilizam em “Clube da luta 2” e vão à casa do escritor para questionar o “final ruim” da história. Essa reação é tão grande que, contrariando Palahniuk, os leitores e a equipe do autor-personagem decidem mudar o desfecho da narrativa. Em consonância com isso, o objetivo deste trabalho é investigar em que medida as projeções realizadas sobre esses leitores/fãs fictícios corresponderia às reações dos leitores empíricos. Para tanto, foram coletadas 43 resenhas e comentários compartilhados pelos leitores na plataforma SKOOB⁴⁷, referentes a “Clube da luta 2”, publicadas entre 2016 (data do lançamento do livro no Brasil) e 2019 (data da última resenha publicada até o momento da escrita deste artigo).

⁴⁷ A plataforma SKOOB é a maior rede social para leitores do Brasil e funciona também como uma estante virtual, além de os leitores inscritos poderem indicar os livros que já leram ou que desejam ler e compartilharem suas opiniões, através de resenhas curtas, com seus amigos.

Em vista disso, esta pesquisatem como principais teóricos Umberto Eco (1994), Wolfgang Iser (1979) e Hans Robert Jauss (1994). Eco (1994) contribui no entendimento do leitor/fã fictício que Palahniuk insere em sua obra e do leitor real, com sua teoria sobre as categorias de Leitor-Modelo e Leitor Empírico. Já Iser (1979) ampara a apreciação do que diz respeito à interação do leitor com o texto. Por fim, Jauss (1994) colabora com o estudo sobre a teoria do horizonte de expectativa, bem como a quebra desse horizonte.

Para contemplar tal objetivo, este artigo foi dividido em duas seções. A primeira seção, intitulada “‘O fim depois do fim do mundo’: a junção da autoria com a recepção”, aborda sobre os leitores/fãs fictícios, inseridos em “Clube da luta” 2, suas expectativas e frustrações. Já a segunda seção, denominada “A primeira regra será quebrada mais uma vez: o que falam os leitores de “Clube da luta 2” no SKOOB”, trata sobre os leitores empíricos dessa obra, suas avaliações, positivas e negativas, da narrativa.

2. “O fim depois do fim do mundo”: a junção da autoria com a recepção

Dividido em dez capítulos – além de um capítulo extra que resume e reproduz em quadrinhos o romance “Clube da luta”, apontando as diferenças importantes entre este e a adaptação fílmica homônima – “Clube da luta 2”, como adiantado anteriormente, marca o retorno de Tyler Durden – ou melhor, mostra que ele nunca foi embora de verdade. Junto com as drásticas mudanças em relação ao clube da luta e aos projetos desenvolvidos nele, outros elementos são postos em cena, a exemplo do uso da metalinguagem, que inseriu Palahniuk e sua equipe editorial como personagens na narrativa. A primeira aparição de Palahniuk acontece ainda no primeiro capítulo: Tyler liga para seu criador para avisar que está de volta. A partir daí, a presença do autor é constante em todos os capítulos até que, na última cena da narrativa, Tyler o mata para poder ser autor da própria vida.

Do primeiro ao nono capítulo, são destacados os novos projetos do clube da luta bem como a nova vida de Sebastian, que era o narrador-personagem do volume 1. Em todas essas questões, o personagem de Palahniuk tem grande relevância no desenrolar da história: em determinados momentos, é acionado pelos outros personagens que pedem ajuda para solucionar seus dilemas, em outros, Palahniuk encontra-se incomoda-

do por não conseguir criar um desfecho para a narrativa. Depois de muito pensar, o autor-personagem decide finalizar seu texto e concretizar o plano genocida de Tyler de destruição completa de todo o mundo, que em sua compreensão, não tinha mais redenção.

Contudo, com a premissa de que o desfecho nem sempre é o encerramento, a narrativa não se encerra aí. No décimo e último capítulo, intitulado “O fim depois do fim do mundo”, dezenas de leitores/fãs, com tatuagens e botons com frases do romance “Clube da luta” e com cópias de “Clube da luta 2”, vão para a porta da casa de Palahniuk para contestar o final da história, considerado ruim por todos (Fig. 01). Essa reação é potente ao ponto de, discordando veementemente de Palahniuk, os leitores/fãs e a equipe do autor decidem mudar o desfecho da narrativa (Fig. 02).



Fig.01. Palahniuk e Stewart, p. 247.



Fig.02. Palahniuk, Stewart, p. 250.

A partir desse momento, o personagem de Palahniuk não toma mais decisões sobre a narrativa e torna-se quase um coadjuvante da própria história que criou. Com isso, os leitores/fãs passam a recriar o final e, agora como personagens, salvam os personagens que Palahniuk havia tentado matar com uma explosão que encerraria os quadrinhos.

Com vista a essa função ativa e participativa que esses leitores/fãs começam a ter ao abandonarem o papel de receptores passivos, Henry Jenkins (2009), no capítulo “Por que Heather pode escrever, do livro *Cultura da convergência*”, afirma que os leitores passaram a sentir a sensação de posse em relação às obras que se tornaram fãs e a reivindicarem o direito de participar dela. Em contrapartida, Jenkins (2009) também acredita que essa cultura participativa dos fãs desmistifica a aura do autor e faz questionar a compreensão que se tem sobre o que é ser autor.

Contudo, esse leitor participativo retratado em “Clube da luta 2” (que é, sobretudo, fã) não se encaixa perfeitamente na categoria de Leitor-Modelo, nos termos de Umberto Eco (1994). Somente o leitor-modelo (que se contrapõe ao Leitor Empírico) faria uma leitura adequada do que o autor propôs, diferente do que ocorre na narrativa. Conforme Eco (1994, p. 15), no capítulo “Entrando no bosque”, do livro *Seis passeios pelos bosques da ficção*, o leitor-modelo é “(...) uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colabora, mas ainda procura criar”.

Segundo o próprio Eco, essa sua ideia desse tipo leitor aproximase do que Wolfgang Iser chamou de leitor implícito. No capítulo “O leitor”, do livro *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, Antoine Compagnon (1999, p. 151) afirma que esse leitor implícito descrito por Iser “(...) é uma construção textual, percebida como uma imposição pelo leitor real; corresponde ao papel atribuído ao leitor real pelas instruções do texto”. Dessa forma, esse leitor ideal também é uma estrutura textual, que prefigura a presença de um receptor, mas sem, necessariamente, defini-lo.

Entretanto, apesar de não fazerem uma leitura adequada, como propõe a definição de leitor-modelo, os leitores que aparecem em “Clube da luta 2”, mesmo críticos, também não são os leitores empíricos da narrativa, pois, inclusive suas frustrações, são criadas pelo autor. Ou seja, assumindo o papel de leitor de seu público, Palahniuk acaba antecipando as expectativas e as visões de seus leitores/fãs que foram criadas sobre o romance “Clube da luta” e sua adaptação fílmica homônima. Assim, furcando-se da ilusão de um leitor perfeito, brinca com isso e mistura a auto-

ria com a recepção ao fazer uma projeção das reações dos leitores que, além de irem a sua casa para questioná-lo, buscam satisfazer seus anseios de “felizes para sempre” (Fig. 03). Havia ainda alguns que demonstravam conhecer só o filme “Clube da luta”, dirigido por David Fincher, e desconheciam a existência do romance que o originou (Fig. 04).



Fig. 03. Palahniuk e Stewart, p. 248.



Fig. 04. Palahniuk e Stewart, p. 249.

Com isso, nota-se que o que faz esses leitores ficarem revoltados é a quebra do horizonte de expectativa que tinham, inclusive dos fãs que nunca haviam lido o romance, somente assistido ao filme. Conforme Hans Robert Jauss (1994, p. 31), em *A história da literatura como provocação à teoria literária*, “O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público”. De acordo com esse conceito, o horizonte de expectativas é um conjunto de hipóteses compartilhadas que se pode atribuir a uma geração de leitores. À vista disso, os leitores, inseridos num tempo e espaço com suas subjetividades, criam determinadas expectativas sobre os desfechos das obras.

Assim, esse desvio estético no ato da leitura pelos leitores/fãs de “Clube da luta 2”, possibilita-os perceberem que suas expectativas pela sequência de uma narrativa foram inteiramente frustradas (Fig. 05). Talvez essa frustração seja advinda da enorme expectativa que girava em torno da sequência de “Clube da luta”, aguardada por vinte anos. Dessa maneira, por esse romance ser considerado um clássico dos anos 90 e sua continuação ter demorado tanto, provavelmente, qualquer coisa que Palahniuk tivesse escrito não seria considerado pelos leitores como “digno” do volume 1. Antecipando as críticas e tentando justificar suas escolhas,

o autor-personagem alega que não queria dar experiências falsas e redentoras que só ajudariam os leitores a perpetuarem o *status quo* sociopolítico-econômico (Fig. 06).



Fig. 05. Palahniuk e Stewart, p. 248.



Fig. 06. Palahniuk e Stewart, p. 252.

Em oposição ao final “merda” criado pelo autor-personagem, os leitores/fãs, priorizando a redenção, recriando o final de “Clube da luta 2”, vão pessoalmente resgatar os personagens que, no final escrito por Palahniuk, tinham sido soterrados por uma explosão. Essa mudança, apesar de ingênua, se comparado com os atos terroristas e até autodestrutivos de Tyler e do clube da luta, por outro lado, mantém a lenda Tyler Durden viva e mais forte, já que os leitores o escolherem em detrimento de Palahniuk.

Esse papel realizado pelos leitores/fãs em “Clube da luta 2”, como explanado anteriormente, pode ser um exemplo do que Jenkins (2009) defendia como cultura participativa. Por uma perspectiva diferente, Iser em “A interação do texto com o leitor”, contido no livro *A literatura e o leitor*, organizado por Jauss, enfatiza que quanto maior o número de vazios no texto, maior é a quantidade de imagens criadas pelo leitor para completar tais espaços. Com um argumento próximo do defendido por Iser (1979, p. 83), Eco (1994) afirma que o texto é um máquina preguiçosa que, por conseguinte, exige que o leitor faça sua parte. Assim, o texto sempre pedirá uma interação, uma participação do leitor, unindo “(...) o processamento do texto ao efeito sobre o leitor” – uma atividade prática, com menor ou maior impacto na narrativa da maneira como foi pensada inicialmente pelo escritor, como no caso do volume 2 de “Clube da luta”, em que a participação do leitor muda, literalmente, o final da história.

3. A primeira regra será quebrada mais uma vez: o que falam os leitores de “Clube da luta” 2 no SKOOB

Como explanado anteriormente, Palahniuk brinca com a ideia de mesclar a autoria com a recepção na tentativa de prever as reações do público promovidas pelas expectativas que foram construídas em torno do volume 1 e de sua adaptação fílmica. Todavia, mesmo construindo leitores/fãs que discordam veementemente de si quanto ao desdobramento do desfecho de “Clube da luta 2”, não significa que Palahniuk tenha acertado totalmente em suas projeções quando confrontado a esses leitores/fãs fictícios aos leitores empíricos.

Ecocategoriza, como já adiantado, em oposição ao leitor-modelo, o leitor empírico – o leitor real – que somos todos nós quando lemos alguma coisa. Reforçando essa definição, Eco (1994) argumenta:

Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto. (ECO, 1994, p. 14)

Assim, nunca há uma garantia que os leitores empíricos farão uma leitura da forma como o autor pensou para o texto. E mais, além de poder ter uma visão diferente do autor, cada leitor empírico apreende os textos a sua maneira, pois o ato da leitura envolve vários outros aspectos, como época em que se lê, o gênero, a idade, a posição político-ideológica de cada leitor, etc. Com isso, não é absurdo se os leitores reais de “Clube da luta 2” fizerem uma leitura que vai na contramão das projeções realizadas nesse texto.

Dessa maneira, na tentativa de confrontar os leitores/fãs criados por Palahniuk com os leitores reais de sua obra, utilizaram-se resenhas e comentários dos leitores de “Clube da luta 2” extraídos da plataforma SKOOB, maior rede social para leitores do Brasil. Na plataforma, essa obra de Palahniuk têm 802 avaliações, das quais obteve 3,4 estrelas (de um total de 5). Ao todo, foram recolhidas e analisadas 43 resenhas e comentários sobre a obra no período entre 2016 (ano de lançamento do volume 2 de “Clube da luta” no Brasil) e 2019 (ano em que foi publicada a última resenha do livro até a escrita deste artigo).

A fim de estudar essas resenhas e comentários de maneira concisa, mas cuidadosa, optou-se por dividi-las em três categorias. A primeira diz respeito aos leitores que gostaram da sequência em quadrinhos, a segunda referente aos leitores que acharam a obra intermediária e, por fim,

a terceira concernente aos que não gostaram de “Clube da luta 2”. Em cada categoria, selecionaram-se duas resenhas ou comentários, que foram transcritos parcial ou integralmente, em que seus autores melhor desenvolvem seus argumentos em relação às suas opiniões sobre essa obra. Essa apreciação ajuda também a ter dados reais da interação entre texto e o leitor empírico, como Iser (1979) estudava.

3.1. “Chuck Palahniuk consegue nos surpreender outra vez...”

Os leitores inscritos na plataforma SKOOB que avaliaram positivamente, a partir de resenhas, “Clube da luta 2” são minoria se comparados aos leitores que não gostaram ou acharam a narrativa intermediária. Os argumentos desses leitores empíricos que aprovaram a sequência são vários, entretanto um dos elogios mais recorrentes são em relação à ilustração dos quadrinhos, realizada por Cameron Stewart, e a capa, criada por David Mack. Além disso, são exaltados também o modo como Palahniuk critica a forma de contar histórias, que brinca com os leitores e satiriza suas expectativas, como é possível indicar na transcrição a seguir:

Paulo Tonon 31/08/2016

Rize or die

Como fazer a sequência de uma obra fechada que não necessita de uma continuação?

Simples, mude o formato da mídia e faça uma crítica da obra original, dando o mesmo nome como se fosse sua sucessora.

Chuck Palahniuk consegue nos surpreender outra vez, trazendo uma crítica à própria obra que o consagrou e aos seus próprios fãs.

Não leia a HQ esperando o tom sombrio e a fidelidade do autor com a obra original, pois essa é uma nova história, onde Palahniuk critica principalmente a forma de contar histórias, a perpetuação das ideias e dos arquétipos Junguianos pela sociedade e a cultura pop.

Nada mais acertado, uma vez que Clube da Luta se tornou parte da cultura pop e seus fãs, comprando edições especiais em capa dura do livro e versões requintadas de comemoração de 10 anos do filme, fazendo o capitalismo girar freneticamente, transformando o anti-herói Tyler Durden no contraponto ideológico que anima as almas de seus leitores revoltados com o sistema fazendo-os se sentirem especiais, mantendo o status quo.

A arte de Cameron Stewart completa a ideia do autor, oferecendo um traço mais cartunesco e cômico, com cores vibrantes de uma típica história comercial [...].⁴⁸

O autor dessa resenha tece comentários sobre os acertos de Palahniuk ao decidir fazer uma continuação em quadrinhos de seu romance mais celebrado. Para ele, a mudança no formato da mídia foi uma boa solução para sequenciar uma obra que não precisa de sequência, pois possibilita criticar a obra original ao mesmo tempo em que não pretende ser fiel à mesma. Ainda na opinião dele, essas opções de Palahniuk criticam a cooptação do romance “Clube da luta” pela cultura pop ao se tornar um objeto de desejo, explorado de todas as maneiras pelo mercado.

Diferentemente da primeira resenha, que aborda questões relativas à mudança no formato da mídia e às críticas recorrentes ao capitalismo predatório que fazem parte do tom de Palahniuk, a segunda é voltada para os fãs, que criaram muitas expectativas em torno dessa sequência. De acordo com a autora, achar que o volume 2 iria se igualar ou superar o volume 1 é algo sem cabimento, como se pode ler adiante:

Louise 29/09/2018

Todo mundo revoltado feat. decepcionado com o final de Clube da Luta 2.

A culpa é de quem criou a expectativa de que a continuação seria igual (ou melhor, pasmem!) que o primeiro. Clube da Luta é um clássico! Único! É óbvio que o segundo não seria igual.

A questão é: Palahniuk sabia disso. Sabia, inclusive, a reação do público (a expectativa e a decepção). E resolveu brincar com isso.

Só de ver os personagens de Clube da Luta numa mídia tão interessante como os quadrinhos, e poder presenciar mais uma jogada astuta de Palahniuk, a leitura já valeu a pena [...].

Assim, o ponto positivo da narrativa, além de possibilitar uma revisita aos personagens clássicos, seria a ideia de Palahniuk que, tentando antecipar possíveis reações, brinca com as expectativas e as possíveis decepções de seus leitores. Dessa forma, as muitas expectativas não permitiram os leitores perceberem as particularidades do novo texto, que não

⁴⁸ Na transposição das resenhas e comentários postados pelos leitores na plataforma SKO-OB, mantêm-se as suas marcas linguísticas originais. Opta-se também por preservar a configuração original que apresentam na página eletrônica, como nomes dos remetentes, indicação de data e título das mensagens, quando houver.

pretende ser fiel ao primeiro. Em relação às expectativas dos leitores, Jauss (1994), afirma que, uma nova obra:

[...] desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28)

A partir disso, compreende-se que, inevitavelmente, associações positivas ou negativas seriam feitas entre o volumes 1, o 2 e até com o filme. Com isso, os leitores empíricos supracitados reforçam essa premissa do jogo das expectativas em torno da criação da nova obra, contudo, apesar da trama que sequencia não ser tão fiel ao romance, o “já lido” de Palahniuk, antecipa também as marcas irônicas e satíricas do autor. Ou seja, brincar com as expectativas, antecipar as críticas, ironizar o quanto os fãs contribuíram para sua obra se tornar mais um produto usado e abusado pelo capitalismo faz parte de um horizonte do escritor já conhecido e elogiado pelo público.

Em consonância com isso, outros argumentos utilizados para justificar a avaliação positiva de “Clube da luta 2” foram relacionados à escrita irônica, bem humorada e violenta de Palahniuk e a permanência de críticas sociais que relembram que todos são escravos das ideias em que estão incutidos. Além do mais, um ponto que também é valorizado pelos leitores que gostaram da obra, mas não é bem visto pelos demais leitores, é a adição de algumas explicações sobre o volume 1, como a origem de Tyler. Com isso, é interessante salientar que cada leitor ou camada de leitor interage, nos termos de Iser (1979), de uma forma diferente mesmo em se tratando de um mesmo tema.

3.2. “É uma história ‘ok’...”

Quanto aos leitores que encararam “Clube da luta 2” como uma obra intermediária, justificam-se afirmando, majoritariamente, que a narrativa não é nem boa nem ruim. Esse é o caso da autora da resenha transcrita a seguir:

Nanda Sales 25/08/2016

Nem boa nem ruim...

Gosto muito de Clube da Luta (livro e filme), mas tenho que dizer que essa HQ me deixou desapontada. Ela não chega a ser boa, mas também não

é ruim... Não senti a emoção que sinto lendo o livro e assistindo ao filme [...] O que salvou foi apenas a nostalgia de rever Tyler Durden, Marla Singer e o Narrador em uma nova história [...].

No caso anterior, é possível entender que a decepção que a autora sente é porque ela procura encontrar as mesmas emoções antes sentidas tanto no romance quanto na adaptação fílmica. Com isso, de acordo com essa leitora empírica, a história em quadrinhos foi eclipsada pelo sucesso da história que a originou. Entretanto, a nostalgia de contemplar novamente Tyler, Marla e o narrador “salva” a trama.

A próxima resenha define a história em quadrinhos como uma frustração. Apesar de admitir a culpa por alimentar suas expectativas, ele também argumenta que uma obra que teve a projeção de “Clube da luta”(querendo ou não) gerará grande expectativa pela continuação. A respeito disso, afirma:

Eriksonsr 30/04/2018

Sabe qual o problema de presentear o mundo com uma história tão, mais tão FOOODA como Clube da Luta? Se você cria uma continuação, isso vai gerar uma expectativa enorme! [...]

Frustração, eis a palavra que define este HQ. Culpa minha, eu sei, não devia alimentar uma expectativa tão grande, pois sei que não é todo dia que se é agraciado com uma história tão boa quanto Clube da Luta. O HQ não é ruim, é uma história “ok”, “legalzinha até”, “mais ou menos”, mas que é totalmente eclipsada pela obra original.

[...] Fora isso, vale destacar que o traço da HQ também é muito bom [...].

Nesse texto também é possível notar alguns dos adjetivos mais recorrentes para caracterizar “Clube da luta 2”: “OK”, “legalzinha até”, “mais ou menos”. A partir disso, depreende-se que mesmo não sendo considerada ruim, essa sequência sempre estará à sombra do volume 1. Ser apenas “legalzinha” não é suficiente para se projetar em qualquer patamar próximo ao sucesso do romance, quicá ultrapassá-lo.

Além disso, outras justificativas dos leitores para classificar a obra como “mais ou menos” foram que o enredo deixou a desejar, mas, em contraposição, o destaque maior dado à Marla foi positivo; que a inserção do autor-personagem foi original, mas, no geral, a trama é óbvia; que a arte é incrível, mas a história é fraca e repetitiva em relação ao volume 1; que a história é razoável, mas o final é “broxante” e confuso, etc.

Assim, mesmo que não seja uma crítica especializada, essas opiniões dos leitores empíricos contribuem para formar o valor estético da

obra. Nessa perspectiva, Jauss (1994) defende que o momento histórico em que uma obra aparece e a maneira que o público inicial a lê, tendo suas expectativas atendidas, superadas, decepcionadas ou contrariadas, é um dos critérios utilizados para a construção do seu valor estético. Jauss (1994) continua:

A distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a “mudança de horizonte” exigida pela acolhida à nova obra, determina, do ponto de vista da estética da recepção, o caráter artístico de uma obra literária. (JAUSS, 1994, p. 31)

Com isso, tomando como exemplo as resenhas apreciadas aqui, é possível presumir que, pelo menos por um bom tempo, “Clube da luta 2” vai continuar dividindo opiniões, não sendo unanimidade, mesmo dentre os leitores/fãs de Palahniuk. Entretanto, o estranhamento causado pela quebra do horizonte de expectativas desses leitores pode desaparecer em um futuro, mudando o horizonte de expectativas para acolher a obra, em uma nova época, como defende Jauss (1994).

3.3. “Não precisava existir...”

Por último, os argumentos dos leitores que demonstraram não gostar da continuação. Se as palavras-chave dos leitores que acham “Clube da luta 2” razoável eram “OK” e “legalzinha”, para os leitores desta categoria, que não gostaram da continuação, o que mais se repete é “desnecessária” e “não precisava existir”, como se comprova a seguir:

MiojoGeek 11/05/2017

Resenha Miojo

#clubedaluta2 de #chuckpalahniuk e #cameronstewart é uma continuação que não precisava existir.

[...]

O quadrinho tem como ponto positivo os desenhos de Cameron Stewart e só. A história é podre de enredo, com uma trama batida e exageros de metalinguagem que parece querer atender o ego de Chuck. O quadrinho tenta dar uma explicação sobre Tyler Durden quase atestando que ele é uma espécie de vírus disseminado nas gerações da família de Sebastian. Um explicação tão idiota e desnecessária quanto a explicação dos midichlorians em #starwars e por essa e outros exageros a minha nota é 5/10.

Para esse leitor, o destaque positivo de “Clube da luta 2” é única e exclusivamente a ilustração. Ele ainda destaca a pobreza do enredo, a trama batida e os exageros metalinguísticos como pontos que o fizeram

não gostar dessa história em quadrinhos. Além disso, essa resenha, como em outras também, sinaliza o grande espaço concedido à metalinguagem que, ao inserir Palahniuk como autor-personagem, aparenta ser uma tentativa de atender e sustentar o ego do autor.

Para finalizar, a resenha intitulada “Decepção” tem uma justificativa parecida com a resenha anterior no que diz respeito às críticas ao trabalho com a metalinguagem, argumentando que isso aconteceu de maneira forçada, como se pode constatar a seguir:

mpin 26/12/2018

Decepção

Obra caça-níquel que traz nada de relevante à história. O autor fica forçando em diversos momentos metalinguísticos em que ele próprio aparece, provocando o leitor em relação a como a trama deveria acabar. Egotrip barata. Do ponto de vista da narrativa, o desaparecimento do próprio filho de Marla parece gerar pouco impacto emocional, e a história torna-se errante, vivendo, o tempo todo, à sombra do primeiro livro/filme. Ao tentar rir de si próprio para tirar dos próprios ombros a pressão de se fazer uma continuação para uma história boa, Palahniuk esvaziou a própria criação e criou uma solução metafísica e forçada para manter Tyler Durden plausível, na cabeça do autor, é claro, para a história.

Além de alegar que o desaparecimento do filho de Marla e Sebastian gera pouco impacto emocional na narrativa, o autor classifica igualmente, assim como outras pessoas que resenharam a obra e que se auto-declararam decepcionados com a trama, a história em quadrinhos como uma “obra caça-níquel”. Os autores de críticas desse tipo apontam que a obra foi produzida tendo em vista apenas o viés financeiro, já que, para eles, o romance “Clube da luta”, bem como a adaptação fílmica homônima se bastam. É interessante perceber ainda que tal questão vai de encontro justamente com as premissas defendidas por Tyler e pelo clube da luta, no volume 1: criticar as ideologias capitalistas.

Para finalizar, dentre as resenhas dos autores que não ficaram satisfeitos com o volume 2 desse romance de Palahniuk, estão outros argumentos, como: “parece uma *fan fic*”, atribuindo a essa afirmação um sentido negativo; “livro meio caótico” com “enredo podre”, que adiciona explicações desnecessárias sobre a origem de Tyler. Apesar das opiniões radicais, quase todas as resenhas analisadas, inclusive dos autores que não gostaram da narrativa, são praticamente unânimes sobre a qualidade das ilustrações, apontada por muitos como o ponto de maior destaque em “Clube da luta 2” – com isso, Stewart acaba ganhado mais elogios que o próprio Palahniuk.

É relevante sinalizar ainda que os leitores empíricos que não gostaram da história em quadrinhos aparentemente não nutriam nenhuma expectativa, ou ao menos não escreveram essa expectativa nas resenhas da plataforma, contudo não deixaram de adquirir e ler a obra. Os autores dessas resenhas propõem-se assumidamente a desabafar e a protestar pela escrita da sequência em quadrinhos; é como se Palahniuk tivesse profanado o aclamado “Clube da luta”.

4. Considerações finais

O confronto dos leitores/fãs fictícios inseridos em “Clube da luta 2” com os leitores empíricos que resenharam essa história em quadrinhos na plataforma SKOOB permite identificar que algumas das projeções de Palahniuk sobre o primeiro tipo de leitor corresponderam a dados do segundo tipo de leitor. Parte dos leitores empíricos, assim como Palahniuk antecipou, questionaram tanto o final da trama quando a sua própria existência.

Palahniuk, fazendo uma leitura do seu público, brinca com as expectativas que ele projetava sobre a reação dos leitores, fazendo uma autocrítica à sua obra, à cooptação da obra pelo mercado, aos próprios leitores para, talvez, tirar o peso de seus ombros da escrita da sequência de seu romance mais famoso. É importante salientar que esses leitores/fãs fictícios acabam passando à frente do texto, como destaca Compagnon (1999) e recriando o final da trama. Com isso, além de inserir uma participação efetiva do público na obra, como defende Jenkins (2009), Palahniuk junta a autoria e a recepção em um mesmo espaço.

Se por um lado os leitores/fãs fictícios, depois de questionarem o desfecho da história, entram em consenso para a criação de um novo final, por outro, os leitores empíricos seguem divididos entre os que gostaram da história em quadrinhos, os que a acharam “mais ou menos” e os que não gostaram. Os argumentos que esses leitores reais defendem variam entre Palahniuk manter seu tom irônico e crítico (argumento dos defensores) ou o colocam como cooptado pelas ideologias capitalistas, com uma obra caça-níquel (alegação de quem ataca) – todavia, provavelmente, qualquer caminho que o autor escolhesse para guiar a obra seria criticado por se desviar dos horizontes de expectativas de parte dos leitores intensamente demarcados pelo clássico inicial.

Apesar das críticas que Palahniuk projetou, os argumentos mape-

ados dos leitores empíricos vão além dos argumentos superficiais que o autor previu/ironizou. Mesmo tendo feito o capitalismo e o mercado circular com as aquisições das variadas edições do romance “Clube da luta” ou o sucesso do filme homônimo, esses leitores reais não são tão acrílicos ou sem argumentos coerentes como os leitores/fãs fictícios criados por Palahniuk.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLUBE DA LUTA 2 NA PLATAFORMA SKOOB. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/clube-da-luta-2-hq-598111ed599676.html>. Acesso em: 17 dez. 2019.

COMPAGNON, A. O leitor. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 139-64

ECO, U. Entrando no bosque. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 7-31

_____. O texto, o prazer, o consumo. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 100-9.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, R.H. *et al.* *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JENKINS, H. Por que Heather pode escrever. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 247-94

PALAHNIUK, C. *Clube da luta 2*. Ilustração de Cameron Stewart. São Paulo: LeYa, 2016.